FÉ e FESTA em percursos urbanos na Alagoas barroca Marechal Deodoro – Brasil

*Josemary Omena Passos FERRARE **

Fé & Ritos percorrendo a Cidade

A antiga Vila de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, ex-Alagoas e atual cidade Marechal Deodoro, no nordeste do Brasil, chegou a ser denominada pelo historiador alagoano Ernani Mero como “Santuário de Arte Colonial”, referindo-se a grande concentração de templos erguidos sob a égide de ordens religiosas que a legaram de notável acervo de arte sacra e arquitetura barroca. Entretanto, nesta Comunicação, pretende-se apresentá-la como um “Santuário de Fé e Festas” armado no período da Quaresma e Semana Santa, gradativamente consolidado, desde o firmamento da fé católica, durante a colonização portuguesa, iniciada em fins do século XVI e até meados do século XIX, quando a cidade decaiu em importância sócio-política, devido à transferência da capital da Província para Maceió.

É sabido que durante o apogeu vivido pela cidade Alagoas, enquanto Cabeça de Comarca e Capital da Província, os Atos Públicos de celebração da Semana Santa ocorriam com pompas e em procissões que deambulavam por ruas íngremes definidas por singelos corredores de casas térreas e poucos sobrados, que se iniciavam ou finalizavam em largos fronteiros a fachadas pontuadas por frontões curvos e contracurvos das Igrejas, Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Ordem 3^a de São Francisco, Igreja do Convento de São Francisco, e Ordem 3^a do Carmo. Os Atos aconteciam numa seqüência de festas celebradas entre sentimentos e expectativas que variavam do fervor religioso a uma alegria profanizada, conforme a análise da descrição dos mesmos revelara.

Os rituais litúrgicos e Procissões referendados pela fé católica reinante, eram esperados pelos moradores com alegria e com o desvelo necessários às ‘vésperas e matinais’ precedentes aos próprios Atos, conforme afirmação e descrição pormenorizada do historiador Pedro Paulino da Fonseca, natural da cidade e

* *Arquiteta. Docente do Dept. de Arquitetura e Urbanismo da UFAL - Brasil Mestre em Arquitetura e Urbanismo / Conservação e Restauro pela FAUFBA – Brasil
Doutoranda da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto – Portugal
Bolsista do CNPQ – Brasil*

ex-participante destas festividades, quando as registrou em 1895 num trabalho intitulado – *A Velha Cidade das Alagoas: Recordação de suas Antigas Festas* numa tentativa de salvaguardá-las do esquecimento trazido pela diminuição de sua prática, ao qual recorreremos para entender/estabelecer as relações entre Evento – Cidade – Habitantes e população adventícia.

Menciona Fonseca, que os atos preparatórios da Semana Santa principiavam mesmo na Quarta-feira de Cinzas – dia de abertura oficial da Quaresma, com o ato da *Procissão das Cinzas* conduzido pelo venerável da Ordem 3^a do Convento de São Francisco, formalizada dentro da regra e estatuto da Ordem. O cortejo era aberto por várias figuras e ícones da liturgia religiosa e fechado por uma ala de religiosos franciscanos. “*Era uma procissão de grande aparato que atraía grande massa de povo que afluía de todos os pontos, ficando o porto do Convento apinhado por centenas de canoas.*” (Fonseca, 1895). (Croqui-01)

Durante os 40 dias seguintes prosseguiam atos predecessores como: os Sermões da Quaresma aos domingos e em dias de semana a *Procissão dos Penitentes*, saída da Igreja do Rosário e guiada pelo Reverendo com a Cruz velada pela cor roxa. Mas, somente no período exato da Semana Santa é que a cidade se impregnava de uma nova dinâmica...enfim, transfigurando-se.

As festividades eram notáveis e atraíam pessoas de outras localidades para se instalar durante vários dias, embora para isto tivessem que reservar casas. “*Muitos procuravam obtê-las com meses de antecedência e por empenhos,*” pois segundo (Fonseca, 1895) “*Já não se encontrava uma só casa vazia na cidade. Desde Taperaguá até Pedreiras e Trancoso estavam todas tomadas e habitadas pelas famílias de abastados senhores de engenho e, nas das ruas da Matriz, Rosário, Amparo, Convento, da Paz, Palácio, de Baixo, do Meio, e alojadas achavam-se mais de uma família para passar a festa.*”

Segundo ainda (Fonseca, 1895), durante este período a cidade tornava-se “*(...) alegre, festiva, com um movimento espantoso de povo pelas ruas, tendo como certo as noites de luar*”. A permanência da luminosidade era assegurada pela própria determinação da Igreja, apoiada nos ditames da Reforma Gregoriana, que definia regularidade na celebração a Páscoa, sempre “*(...) no 1º domingo depois da lua cheia que se segue ao dia 20 de Março, [então] infalivelmente lua cheia num dos dias da 4ª a 6ª Feira Santa, e sempre mui clara e bela, não me recordando ter havido chuvas que interrompessem as festas*”, tal como expõe, a este respeito o citado historiador.

Fonseca também esclarece ainda sobre o percurso iniciador dos atos religiosos que abriam o período comemorativo, descrevendo que, já na Sexta-Feira anterior ao Domingo de Ramos acontecia a *Procissão dos Passos*, à tarde: “*saía da Igreja Matriz uma procissão com a imagem do Sr. dos Passos que na véspera era trasladada da Ordem 3ª do Carmo para visitar os sete passos armados nas igrejas do Rosário, Amparo, Ordem 3ª de São Francisco, Convento de São Francisco, Nicho do finado Joaquim Bastos a Matriz, além de um passo armado ‘ad-hoc’ na rua do Convento.*” (Croqui-02)

Para o cumprimento do Domingo de Ramos, menciona que as palmas – em ramos de flores, eram preparadas com antecedência por duas senhoras da loca-

lidade, e que eram bentas em missa antes de serem distribuídas para comporem a **Procissão das Palmas**. Ainda neste dia, à tarde, ocorria a **Procissão do Triunfo**, saindo esta também da Ordem 3^a. do Carmo, pomposa e plena de símbolos de vitória, além de diversas figuras da Bíblia como, Issac com o feixe de lenha à cabeça e o Clarim do Juízo Final, representados em figuras sérias. Dois leões precediam o cortejo.

Na Matriz, na Terça-feira e Quarta-feira Santas acontecia o Ofício de Trevas com o uso do candelário triangular de quinze velas que iam sendo apagadas após a recitação de Salmos ao de órgão. E na manhã da Quinta-feira, o Ofício da Endoenças, sintetizando Paixão – Procissão – Exposição do Santo Sacramento percorrido no interior da igreja sob coro de 4 vozes, precedendo o ato da desnudação dos altares e a saída para a **Procissão da Visitação de Enfermos**, na qual o Juiz levava o saco das esmolas para os doentes pobres, que as recebia em suas próprias portas. À tarde o lava-pés e Sermão do Mandato e à noite exposição do Santo Sepulcro.

A animação da noite de Quinta-feira, iniciava por volta das 20:00 horas quando saíam da Igreja Matriz e Igreja do Amparo, por caminhos diversos, as **Procissões do Encontro**, finalizando ambas na Rua do Convento, onde em púlpito montado, um padre pregava o Sermão. Às 23:00 horas saía da Igreja Matriz, a **Procissão do Fogaréu**, na qual cada pessoa levava uma vela em lanterna de papel ou mesmo tocha, causando um grande efeito cênico nas ruas da cidade, conforme se apreende em trecho de efusiva descrição de Fonseca: “*Era bonito de longe, dum ponto elevado, nessa noite de luar claro, vêr essa imensa cobra de fôgo como que em zig-zag, subindo e descendo ruas e ladeiras, ora enco-brindo-se em parte, vendo-se a cabeça lá e a cauda separada cá. O efeito do prês-tito com centenas de luzes era espetacular (...)*”. Percebe-se que era determinante para a percepção deste efeito, a configuração topográfica de cidade elevada e a sinuosidade de seu traçado urbano. (Croqui-03)

Na narração de (Fonseca, 1895) identifica-se ainda, toda uma dinâmica ori-unda da diversidade da programação religiosa que apenas iniciava, mas já agi-tava o ritmo da população local e adventícia: “*Dia cheio de atos em seguida uns aos outros, em que o povo não parava; à noite, luar esplêndido para visitaçào das igrejas que se conservavam abertas até tarde seus atos simbólicos nelas armados. Além de tudo [era] noite das consuádas e vespera de dia de jejum, noite em que cada um procurava apresentar a mesa com saborosas ‘frigideiras’ diversas, a sabo-rosa carapêba sem espinha e recheiada com camarões, ovos fritos, doces diversos, e o bom vinho marca ‘P’ e dois ‘RR’ daqueles bons tempos; noite em que as casas ilu-minadas interiormente com suas portas e janelas abertas até alta noite e assim em exposição lauta mesa com sua clara toalha, como singular provocação aos tran-seuntes, que mesmo da rua já sentiam o cheiro apetitoso de tanta gulodice. Era entrar e sair numa para entrar e sair em outra, em muitas, alastrando e forçando o estômago para o jejum obrigado do dia seguinte, e só assim podia-se gostosa e voluntariamente esperar o sarapatél, o chouriço, o lombo e perna de porco assado, a linguíça e o saboroso pastel do sábado de aleluia.*”

Fé & Dramatização espacial: a piedade da Paixão

Entretanto, a chegada da Sexta-feira Santa abatia o estado de espírito das pessoas, enegrecendo-lhes as vestes e o interior dos templos. “*Em rigor, êsse dia amanhecia tristonho, mas não era só o traje preto com que o povo se apresentava, parecendo antes, que o cansaço da véspera, e mesmo o estado do estômago e da bôca sabendo a ferro velhos, mas mesmo muito concorriam para achar tristonho o dia de Sexta feira Santa, sobre tudo a fé religiosa do ato a que iam assistir muito concorria para isso.*” (Fonseca, 1895).

O ritual era solene e o espaço sacro da Igreja Matriz era acentuado de efeitos visuais e sonoros, com objetivo de persuadir os fiéis à sensibilização máxima do processo de sofrimento de Cristo até o ápice da morte. Percebe-se que era criado uma envolvência metafórica para emoldurar cenas de um sofrimento que se tornava retórico, aliás, como todo o discurso que buscava reafirmar a fé católica, posterior à Contra-Reforma, tal como se depreende do relato e testemunho de participação de Fonseca: “*Pela manhã, na Matriz – ofício da Paixão – com o tempo todo despido e às escuras, os altares velados de rouxo e preto; Lamentações: - e mais cerimonial. Notou-se que para o desempenho das funções de Bradados e Texto, os Juizes tinham o capricho de mandar a 10, 20, e 30 léguas e por boa remuneração convidar padres dotados de vóz apropriada para desempenhal-as. Sentia-se verdadeiro abalo e emoção ao ouvir-se Bradados com voz de barítono entoar no templo fechado o – ‘In illo tẽmpore: egrẽssus et Jesus &’, respondendo Texto, em som de baixo profundo: - ‘Quem quoritis?’ e Cristo com tom fraco e mavioso: ‘Jesus Nazarenum’.* Ato imponente, comovedor.

Depois seguiam-se a cerimônia da Adoração da Cruz, procissão, lamentações e Missa dos pré-santificados. (...)

À tarde, o Descimento do Senhor da Cruz, sermão análogo ao ato e, em seguida, a Procissão do Entêrro – em que vinham as três Marias – Maria Mater, Maria Cleófa e Maria Madalena, centurião Capm. De cem homens da Milícia Romana com o seu Centurio de cabos – que faziam tocante pela contrição do povo, principalmente quando, de certa a certa distância, parava o préstito e o Anjo Cantor trepando em uma pequena escada apropriada entoava com voz fina, trêmula e afinada o – ‘O vos omnes que transites por viam attendite e videte: Si est dolor similes sicut dolor meus.’

Ao recolher da Procissão havia o tocante sermão de lágrimas ou do sudário, por um sacerdote que reunisse condições de orador dotado além da palavra fluente, clara e convencedora, do dom mágico de cativar o mais duro coração e a abater a consciência mais pervertida. Lembro-me de ter ouvido num desses sermões o imponente e infeliz Fr. João, irmão de Fr. Luiz da Divina Pastora, que arrebatava de tal forma o auditório e o comovia que, com o choro se ouviam lá do meio da multidão gritos angustiados e ataques nervosos.”

Paixão versus Aleluia...contraste discursivo e inversão de ânimos

No Sábado de Aleluia, a cidade amanhecia, repleta de Judas, feitos em panos e enchidos, colocados sentados em bancos ou pendurados em postes das diver-

sas ruas, exibindo críticas a acontecimentos ou pessoas da cidade, até serem destroçados, depois do batimento conjunto dos sinos das igrejas, expectativa que de ‘per si,’ alvoroçava o ânimo da população, já ansiosa para saciar-se, dado o estado de jejum prolongado em vigência desde a noite anterior. A ânsia de saciedade aumentava na medida que propagava-se os sons emitidos pelos sinos “cevados” nos quintais que iam ser sacrificados em várias casas para o laudo banquete do Dia, conforme recomendava à tradição.

Já às 8:00 horas, conforme relata (Fonseca, 1895) iniciava no exterior da Igreja Matriz, (esta ainda de portas fechadas) a cerimônia do Fogo Novo, transformando-se em cortejo que adentrava na Igreja “com uma das três velas acêndas...cânticos do ritual, seguindo-se o acender da 2^a. e da 3^a.. Ao chegar à altura do púlpito ocupado por um sacerdote, passa êste a chamar para o grande Círio que ao lado espera o que vai ser colocado no altar-mór; ao lado do evangelho. E o povo vestia seu fato novo para ir à igreja assistir a aleluia. Naquele tempo era costume mandarem os homens com antecedência fazer um terno novo para ser vestido nêsse dia. (...) depois seguia-se na pia grande a longa cerimônia da benção água e distribuição dela pelos devotos e devotas.

Então entrava – Missa solene – com glória e rompimento de Aleluia. Momento êsse de geral alegria em que como que eletrizados todos se abraçavam. A igreja que até então conservara o escuro, repentinamente se torna alegre com a transição para a claridade que entrava pelas portas e janelas nesse momento abertas; flôres em profusão atiradas das tribunas e coro; pombos brancos com seus laços de fitas soltos a escovarem d’um para outro lado; o alegre e marcial – *Gloria in excelsis deo* – entoado em côro pelo canto e orquestra, tudo isto dava ao ato o timbre de verdadeira alegria e da convicção religiosa do povo. Os sinos de todas as igrejas a repicarem, milhares de foguetes a estourarem no ar salvas de bombas a troarem, magotes de meninos e moleques armados de cacêtes a esbordoarem judas que outros arrastavam com cordas pelas ruas. Geral alegria.”

Observando-se com detalhes como se processavam os rituais durante os dias da Sexta-feira e Sábado, identifica-se de imediato uma paradoxal mudança de comportamento: transitava-se do ânimo de Tristeza e Compadecimento, para Alegria e Animação, até certo ponto precipitada, sobretudo considerando-se que, pelo registro bíblico, no dia do Sábado, Cristo ainda estava sepultado e não ressurreto, de modo a justificar tamanha euforia comemorativa, esbanjada nas vultosas glotonarias dos jantares do Sábado, caprichosamente preparados, sem mais qualquer referência sobre o padecimento acontecido, tal como pode-se acompanhar na narração de (Fonseca, 1895): “Ao jantar iam se refazer os estômagos do jejum da véspera com animada palestra, muito riso e galhofa, vindo à mesa os presentes recebidos, verdadeiras permutas que durante o dia iam e vinham salvas e bandejas cobertas de finas e ricas toalhas conduzidas por pagens e escravos com decência vestidos, que se cursavam por todos os cantos das ruas! – Quanta paz e união amizade em tudo isto se traduz, se descobre. À noite dançava-se em todas as casas, mesmo na mais pobre que tinha morto o seu cevado e não comia...só. Com os convidados vinha samba a rolar.”

O fim dos Ritos e a permanência do prazer das Festas

Finalizando os rituais de toda a Semana Santa, acontecia a Missa da Ressurreição – na parte da manhã, formalizando-se depois na própria Procissão da Ressurreição, marcada pelo concurso de todas as Irmandades e Confrarias que, correspondentemente portavam, “*imensos guiões e lanternas.*” (Croqui-04) E, “*(...) assim terminavam no Templo do Senhor, em Alagoas, as legendárias festas da Semana Santa.*” (Fonseca, 1895)

Entretanto, o próprio Fonseca adianta que a sensação prazerosa que acompanhava todos estes dias insistia em se prolongar, e a Cidade ainda não retomava o seu ritmo de normalidade, pois muitas pessoas que ali tinham-se instalado, permaneciam aproveitando os dias feriados que, decorrentemente, se instituíam em seguida: “*Havia ainda; nêsse tempo; para maior gáudio do povo, três dias de Páscoa, e por isso feriados para todos os efeitos, e bem aproveitados por todos para análise ou crítica dos atos a que tinham assistido. Da 4ª feira em diante; principiava a dispersão da população adventícia, retirando-se cada um para suas longínquas residências; alguns demoravam-se mais tempo, por comprar para com a mulher e os filhos, que não se sentiam saciados, tendo presentes na memória os belos e tocantes atos e episódios relativos à festa e se mostravam desejosos de permanente continuação, que em lugar de uma semana, fosse um ‘mês Santo’.*” (Fonseca, 1895)

É possível constatar o quanto foi marcante para os moradores e para a Cidade de Alagoas, todas estas comemorações religiosas, tanto nas saudosas descrições do historiador Pedro Paulino da Fonseca, quanto pela admiração contida no registro do cronista alemão Robert Avé-Lallemant que na cidade havia estado no ano de 1859, duas décadas depois da perda das prerrogativas de ser Capital da Província, encontrando-se portanto, muito esvaziada e mesmo arruinada, embora mantendo o tradicional entusiasmo por estas festividades, já parcialmente descritas.

Registrou Avé-Lallemant, nos termos seguintes, o quanto a população que ali permanecia procurava manter-se fiel ao cumprimento das elevações sacras, mesmo enfrentando todo um processo de esmorecimento sócio-político-econômico: “*Apesar da encantadora situação da cidade, da lagoa mais vasta ainda que a de Maceió (...) é Alagoas um lugar miserável. Tudo em decadência, em desleixo e num estado lastimável (...) Dantes a cidade se mantinha porque aí residiam as principais autoridades da Província e era a sede de toda a administração, o que dava sempre muito impulso ao seu comércio e à sua vida. Desde porém que Maceió passou a ser primeira cidade da Província, e todos os que dantes gastavam seus vencimentos em Alagoas, se mudaram para lá, caiu Alagoas em completa decadência. As boas famílias, a quem isso foi possível, transferiram-se para a nova capital ou para suas fazendas nas proximidades, e quase só ficaram as classes mais baixas (...)*

Deserta a praia. Subi a rua para a cidade alta, onde fervilhavam ainda numerosos grupos, em torno das igrejas, por ser Quinta-feira santa. Na manhã de Sexta-feira santa, toda a população da cidade e dos arredores se dirigiu para a igreja, em

cuja vizinhança eu estava hospedado. Todos trajavam decentemente, e a grande romaria de devotos muito nos impressionou (...) vendo passar aquelas mulheres e moças, vestidas de preto, longos véus caindo da cabeça, que lhes ficava tão bem.” (Avé-Lallemant, 1859)

Ritos & Festas ligados na (espacialidade & essencialidade) barroca

Concluiu-se que existia uma relação intersticial entre a Cidade e o caráter espetacular destas Festas Santas, a partir do reconhecimento de que a Cidade emprestava a persuasão da plástica barroca que emanava dos espaços interiores e fachadas de seus templos; e, sobretudo, a sinuosidade das ruas enladeiradas, que se desdobravam em largos propiciadores de visadas simultâneas da ambiência multiforme, perfilando o que Umberto Eco sistematizou como uma das características mais notáveis da obra de arte:

- a de *obra aberta* aos diferentes olhares, por estes serem susceptíveis à apelos de variações de repertórios cênicos. Contexto subjacente à estética latente na urbanística barroca da Cidade.

A espacialidade urbana da antiga Alagoas, plena de variações formais e de contrastes entre cores e luzes, era fundamental ao êxito da práxis religiosa e ao prazer que envolvia a população assistente das Festas de Quaresma e Semana Santa, tanto por ser *locus* de domínio propício à interação social, quanto por desvelar-se em cenografia mutável, cabível à teatralidade litúrgica dos Atos e Procissões. Pode-se ainda, reconhecê-la como disseminadora da alegria profanizada que contornava & contrastava com a piedade religiosa estimulada, deixando expor contradições inerentes à essencialidade conceptual barroca.

Bibliografia

- AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas: 1859*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. (Tradução de Giovanni Cutolo) Editora Perspectiva. São Paulo, 1988.
- FERRARE, Josemary O. P. “Um Olhar sobre a Cidade Marechal Deodoro.” Monografia Menção Honrosa do ‘Prêmio Descobrimto’- Prêmio Antônio Almeida Braga, integrante das comemorações do 5º. Centenário do Descobrimto do Brasil promovido pela Fundação Cultural Brasil – Portugal. Rio de Janeiro, agosto 2000.
- FONSECA, Pedro Paulino. *A Velha Cidade das Alagoas – recordação de suas Antigas Festas*. In: REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Vol. XXII. Maceió, 1942. Pp. 18-26.